

**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

CONCEPÇÕES SOBRE O CORPO NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Marcelo Nunes Sayão

RESUMO

Neste trabalho apresentamos parte de uma pesquisa acerca dos rumos da formação em Educação Física, após a promulgação das Diretrizes Curriculares, no contexto das atuais concepções hegemônicas acerca do corpo. O texto foca nas mudanças que vem se efetivando nas formas de conceber o corpo e nos discursos circulantes sobre o corpo em um curso de formação.

PALAVRAS CHAVE: Formação profissional; corpo; Educação Física.

INTRODUÇÃO

O processo de elaboração das Diretrizes Curriculares para a formação em Educação Física foi marcado por embates a partir dos quais determinadas concepções foram eleitas, em detrimento de outras, para fazerem parte do novo ordenamento legal. Com isso, foram apontados caminhos que interferiram/interferem nos sentidos e significados atribuídos à formação e à atuação na área. Apesar disso, os conflitos permaneceram, tanto nos contextos locais de implantação quanto numa esfera mais global. Permearam a reestruturação dos cursos nas universidades, atravessaram/atravessam o cotidiano da formação e continuam a se fazer presentes, inclusive, na definição do marco legal, com divergências acerca da interpretação da própria legislação que levaram a embates jurídicos, como o que vem ocorrendo em torno da restrição, ou não, da atuação dos licenciados ao campo escolar.

Considerando a Educação Física como um campo de atuação historicamente ligado à formação humana, por meio da educação do corpo, remete-se também à importante influência que as concepções e as formas de lidar com o corpo hegemônicas na sociedade têm tido sobre o trabalho dos profissionais da área. Afinal, as tramas que hegemonizam determinadas visões produzem efeitos importantes nas formas de compreender, vivenciar e intervir sobre o corpo, afetando a atuação profissional e os processos formativos.

Neste trabalho apresentamos parte de uma pesquisa na qual se buscou analisar e compreender alguns dos rumos da formação em Educação Física, após a promulgação das

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

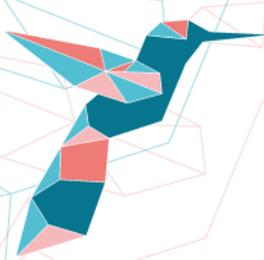
Diretrizes Curriculares, no contexto das atuais concepções hegemônicas acerca do corpo. Como objetivo central, visamos “identificar como a Educação Física vem constituindo a sua formação a partir da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais e à luz das transformações contemporâneas das formas de ver, vivenciar, compreender e intervir sobre o corpo”. A hipótese inicialmente formulada foi a de que “vem se conformando a existência de duas formações e dois profissionais distintos em Educação Física, mas com concepções semelhantes, influenciadas pelas transformações contemporâneas das formas de conceber e intervir sobre o corpo”.

Na pesquisa, voltamo-nos para o interior de três cursos, elegendo os projetos pedagógicos, as estruturas curriculares e as falas circulantes acerca da formação e da atuação na Educação Física. Neste trabalho iremos focar nas concepções que vem transformando as formas de conceber, vivenciar e intervir sobre o corpo. Inicialmente, faremos uma breve exposição das mesmas e também da metodologia adotada na análise dos dados, para depois expor os discursos circulantes sobre o corpo em um dos três cursos em que a investigação foi realizada.

AS TRANSFORMAÇÕES NAS CONCEPÇÕES SOBRE O CORPO

De acordo com autores como Costa (2005) e Ortega e Zorzanelli (2010), vem se conformando na sociedade contemporânea o advento de uma cultura na qual a subjetividade passa a se organizar em torno dos aspectos físicos, corpóreos. Desse modo, a identidade, a organização psíquica e os valores passam a ser referenciados e analisados a partir do aspecto físico e do desempenho corporal. Compondo esta cultura, como apontam Vigarello (2006) e Sibilia (2008), ocorre ainda outra transformação na forma como os sujeitos constroem sua subjetividade, com um incremento da valorização da exposição de si mesmo e um atrelamento crescente do reconhecimento da sua identidade à visibilidade, ao olhar do outro.

Somado a isto, como apontam Sfez (1996) e Fraga (2006), há também um processo de redução drástica da responsabilização do Estado frente aos cuidados com a saúde e a transferência desta responsabilidade para o indivíduo. Ao mesmo tempo, como mostram Boltanski e Chiapello (2009) e Ehrenberg (2010), se dá um fortalecimento do individualismo e uma valorização da iniciativa, da competitividade, que instam os sujeitos a buscarem permanentemente a superação de si mesmos. Neste quadro, conformam-se os cultos à saúde



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

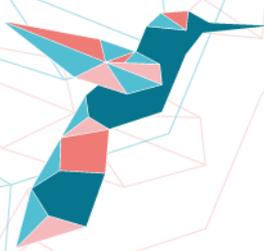
TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

perfeita, à boa forma e à performance que atravessam a sociedade contemporânea, alterando as formas de lidar com o corpo.

O culto a saúde se conforma a partir de mudanças significativas na forma como os indivíduos se relacionam com a sua saúde e também com a associação entre esta e as práticas corporais. Para Sfez (1996) vive-se atualmente uma nova utopia, fundada na materialidade do corpo, na razão científica, na busca da saúde como objetivo e meio de vida, na crença na capacidade de prescrever ações capazes de impedir o surgimento de doenças, rejeitando a degenerescência do corpo e a morte: a utopia da Grande Saúde. Na busca da sua efetivação, cada sujeito deve realizar escolhas diárias, esforçar-se, combater o inimigo presente nele mesmo, nos seus hábitos, e até nos seus genes.

Neste cenário, cresce a responsabilização do indivíduo, aprofunda-se a mercadorização da saúde e das práticas corporais, reduz-se drasticamente a responsabilidade do Estado e cresce o poder de interferência sobre a vida dos discursos acerca da saúde, a partir do aumento exponencial da circulação dos mesmos. Para Ortega e Zorzaneli (2010) o Estado vem deixando de ser o responsável pela saúde da população e dos indivíduos, passando esta a ser objeto de um autogoverno. Assim, a saúde passa a ser resultante das escolhas pessoais e da administração que cada sujeito faz da sua vida. Segundo os autores, o desenvolvimento científico levou à crença na possibilidade de se visar uma saúde na qual os riscos e os danos podem ser controlados ao máximo. Com a ampliação das formas de comunicação, os discursos que pregam a otimização da saúde se espalharam e se impuseram como referência. Neste processo, padrões de saúde, corpo e estilo de vida foram conformados como parâmetros de valor que hierarquizam os sujeitos de acordo com o seu grau de adesão ou recusa a determinados comportamentos e estilos de vida. Somado a isto, os questionamentos feitos aos valores relacionados a instituições tradicionais como a família, a igreja, a escola, entre outras, têm levado os indivíduos a uma “paulatina filiação ao campo da saúde e do corpo como nova fonte de valor. O que se pode observar, no limite, é que a ciência vem suprimindo as instituições tradicionais na tarefa de propor recomendações morais.” (ORTEGA; ZORZANELLI; 2010, p. 76).

De acordo com Costa (2005) dissemina-se uma *cultura somática*, caracterizada pela forma como se dá a relação entre os aspectos afetivos, psicológicos e morais e o *corpo físico*. Assim, nessa cultura o sujeito tenderia a organizar a sua subjetividade em uma *personalidade somática*, na qual a sua vida psicológica, seus valores morais e a conformação de uma noção

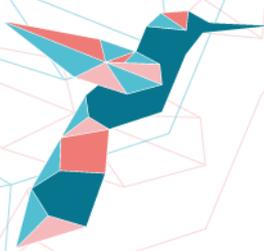


de identidade estariam referenciados nos seus atributos físicos. Deste modo, segundo o autor, “se tornou verossímil acreditar que a) *atos psicológicos têm origens em causas físicas* e que b) *aspirações morais devem ter como modelo desempenhos corpóreos ideais*”. (COSTA, 2005, p. 203, grifos do autor). Os aspectos físicos e biológicos ganham então centralidade, fazendo com que cada vez mais o reconhecimento do indivíduo seja diretamente influenciado pelo o que o seu corpo apresenta.

A centralidade do corpo alcançada a partir do advento da *cultura somática* não interferiu somente na relação dos indivíduos com a sua saúde, mas também exacerbou a preocupação com a estética e com a performance. Nesse sentido, é importante ressaltar que a eleição e a otimização de padrões corporais como referência para avaliar o mérito de cada sujeito envolve a criação de modelos também para a forma física e os desempenhos físicos. Da mesma forma, apesar da existência de certa primazia da saúde nos discursos contemporâneos sobre o corpo, é preciso considerar que estes três elementos estão fortemente imbricados.

De acordo com Vigarello (2006), os critérios de avaliação estética se revelam no cotidiano por gestos e palavras que carregam aprovação e desaprovação a respeito do corpo numa determinada cultura. No decorrer da história, as mudanças ocorrem e são percebidas na medida em que novos critérios e referências são evocados, configurando padrões que estão permanentemente sujeitos a transformação. O autor vislumbra na contemporaneidade a existência de uma mudança profunda que dá vazão a uma nova identidade caracterizada por um investimento intensivo na própria imagem, por um imperativo da aparência. Frente à perda de referências nas transcendências políticas, religiosas e morais, o indivíduo se hipertrofia, seu corpo, e também sua imagem, tornam-se os objetos sobre os quais, concretamente, se pode atuar para transformar e melhorar a vida. O resultado desse trabalho é exposto na aparência. A personalização da aparência se torna então a forma de expressão da identidade e princípio de valorização do indivíduo. A identidade está estampada no corpo e se reduz a ele.

Nessa linha, segundo Sibilia (2008), imersos em uma cultura centrada na imagem os sujeitos têm suas vidas cada vez mais atreladas à aparência e à visibilidade, inclusive no que diz respeito à construção de si mesmo. Somado a isto, para a autora, vive-se um aprofundamento da *sociedade do espetáculo* apontada por Guy Debord. Com isso, a vida cotidiana, as relações sociais, a intimidade e o eu são espetacularizados, ou seja, “são



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

mediados por imagens” (DEBORD, 1997, p.14). Desse modo, emergem as “tirantias da visibilidade” (SIBILIA, 2008, p. 90), impelindo os sujeitos a mostrar quem são pela exibição da pele, do corpo, da saúde e do desempenho.

Um imaginário de que há igualdade de oportunidades para se alcançar a beleza se instaura frente às possibilidades de afirmação da individualidade. Entretanto, essa afirmação e a liberdade de escolha inerente à mesma é apenas um dos aspectos desse imaginário, já que o mesmo também estabelece a beleza e o bem-estar como objetivo dominante, como normas coletivas. Para Vigarello (2006), o aguçamento dessa dualidade é uma característica da sociedade contemporânea, assim, ao mesmo tempo em que a beleza e o bem-estar são alçados a “única e última verdade” (VIGARELLO, 2006, p. 142), “a promessa última e obrigatória” (VIGARELLO, 2006, p. 191), “tudo parece feito para que a escolha individual possa se sobressair até o fim” (VIGARELLO, 2006, p. 188).

Já no culto à performance, totalmente imbricado com os cultos à saúde e a estética, o indivíduo é instado a empresariar a si próprio e passa a ser, exclusivamente, produto do trabalho sobre si mesmo, sobre o seu corpo. Como apontam Boltanski e Chiapello (2009), tensionado pelas exigências de singularização, de elaboração de uma identidade e de um caminho próprio para a realização pessoal, e de flexibilidade, como capacidade de se adaptar às novas circunstâncias, o sujeito vive inquieto, numa procura permanente pelo aprimoramento dos atributos que lhe garantam ser bem sucedido.

Segundo Ehrenberg (2010), a busca constante por melhorias configura uma “cultura da performance”, segundo a qual a vida cotidiana passa a se orientar não só pela competição, mas também pela procura de excelência, de conquistas. Essa cultura realiza uma fusão dos espíritos esportivo, de aventura e empreendedor, e seus princípios se tornam um tipo de “culto” que perpassa todas as relações cotidianas. As lógicas da competição e da busca pelo melhor desempenho presentes no esporte (os records) se somam ao espírito de iniciativa, a busca da eficácia, da competitividade e da produtividade advindas do mundo empresarial e ao desejo pelo inédito, a coragem e o gosto para enfrentar os riscos e superar os próprios limites, característicos da aventura.

A generalização dos preceitos da superação constante, da performance, da mesma forma que os cultos contemporâneos da saúde perfeita e boa forma, são levados a cabo pela disseminação e circulação dos discursos. Com isso, a exibição das performances também se torna objeto de valoração e avaliação capaz de instrumentalizar a hierarquização dos sujeitos.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Frente a este cenário, o fortalecimento dos cultos insta o professor/profissional de Educação Física a assumir o papel daquele que pode auxiliar o indivíduo na busca pelos padrões socialmente aceitos, ou seja, interfere diretamente nas concepções e formas de atuar e, conseqüentemente, nos processos de formação, reforçando a necessidade de se investigar a influências desses conceitos sobre os mesmos.

AS REFERÊNCIAS PARA ANÁLISE

Compreendendo a importância dos discursos para a conformação de sentidos e significados sobre o que é ser professor/profissional de Educação Física e também sobre as formas de compreender, vivenciar e intervir sobre o corpo, elegemos os mesmos como foco da pesquisa de campo. Para tal, fundamentamo-nos em alguns preceitos que se constituíram como orientações e ferramentas a partir das quais os discursos foram abordados e analisados. Com eles, buscamos nas entrevistas, projetos pedagógicos e demais documentos mapear os ditos sobre a profissão e sobre o corpo, visando analisar as formas como os mesmos constituem determinadas maneiras de ser professor/profissional de Educação Física e conceber/tratar o corpo.

Nessa trajetória, inicialmente, assumimos o pressuposto da impossibilidade de buscar a verdade, pois, como aponta Foucault (1989), a verdade é uma produção histórica. Desse modo, não se trata de procurá-la, mas de analisar historicamente como são produzidos efeitos de verdade. Sendo assim, é importante ressaltar que, na investigação, não buscamos a verdade sobre os cursos, mas captar os sentidos e significados atribuídos à formação em Educação Física, ao trabalho com o corpo que circulam, instituindo e disseminando determinadas formas de ser professor/profissional de Educação Física.

Para compreender o processo pelo qual os sentidos e significados são atribuídos ao professor/profissional de Educação Física e sua forma de atuar, é preciso considerar os discursos como práticas e conceber um mútuo condicionamento entre estes (práticas discursivas) e as práticas não discursivas. Nessa linha, seguindo o que defende Foucault (2008), partimos do pressuposto de que os discursos devem ser tratados como práticas que constituem os sujeitos e suas formas de compreender e se posicionar frente à realidade, as relações sociais, os conceitos, os objetos a quais se remetem. Entretanto, é importante ressaltar que a conformação dos objetos pelos discursos não ocorre apenas pela ação destes, mas está intrinsecamente relacionada com a materialidade constituída por meio das práticas



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

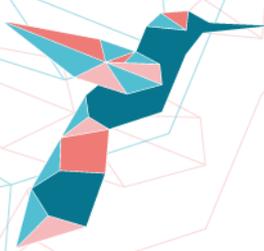
não discursivas. Deste modo, não há precedência das práticas discursivas sobre as não discursivas, e vice versa, mas um mútuo condicionamento.

Cabe também dar ênfase ao caráter eminentemente histórico do objeto analisado: a formação em Educação Física. Nessa lógica, tanto as práticas discursivas quanto as não discursivas estão associadas a um contexto, seja devido às condições que possibilitaram sua emergência ou ainda às verdades as quais se relacionam e contribuem para afirmar. A contextualização e a historicização também contribuem para que os discursos possam ser compreendidos na sua complexidade, no sentido de entendê-los não como fruto de uma expressão individual, ou de um grupo de sujeitos, mas de uma conjuntura social, histórica.

Nossa hipótese é que os discursos constroem e hegemonomizam uma determinada forma de ser professor/profissional de Educação Física ao propor normas, regras e práticas por meio das quais os sujeitos referenciam as suas condutas, suas formas de compreender e atuar. Ao reconhecer como verdadeiro, corretos, determinados valores e regras, o sujeito se submete aos mesmos. Com isso, impõem-se sentidos e significados que consolidam um modo específico de ser/atuar na área.

Diante disso, a tarefa que nos propomos ao analisarmos os documentos e entrevistas foi captar os modos de ser/atuar na Educação Física que se dispersam pelas práticas discursivas e não discursivas. Elegemos então cinco categorias que passamos a utilizar como referências para analisarmos como vem se conformando a formação. Consideramos que são, principalmente (mas não exclusivamente), em torno destas que, atualmente, vêm sendo travados os embates na tentativa de definir formas de atuar na área, já que as mesmas atravessam a formação atuando decisivamente na constituição da materialidade e imaterialidade dos professores/profissionais de Educação Física. São elas: objeto e função social; conhecimentos que fundamentam e instrumentalizam a atuação; modos de compreender e intervir sobre o corpo; distinção ou não da formação em bacharelado e licenciatura; e relação com o mercado de trabalho.

Neste texto, como já mencionado, iremos focar no mapeamento dos discursos acerca das formas compreender e intervir sobre o corpo. Além disso, muito em função da limitação de espaço/tempo, apresentaremos somente o mapeamento das entrevistas realizadas em um dos três cursos pesquisados: o da Universidade Estácio de Sá (UNESA).



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

SOBRE OS MODOS DE COMPREENDER E INTERVIR SOBRE O CORPO NA UNESA

Nesta categoria da pesquisa buscamos mapear, por meio de entrevistas realizadas com seis professores do curso (e também dos documentos), os discursos circulantes acerca das formas de conceber e intervir sobre o corpo. Dessa forma, buscamos averiguar se há suscetibilidade dos discursos sobre a formação e a profissão aos cultos à saúde perfeita, à estética e à performance, assim como a outras concepções de corpo que historicamente venham afetando a atuação do professor de Educação Física.

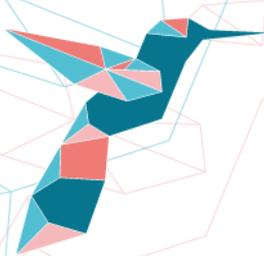
As preocupações com a saúde dominaram amplamente as repostas dos professores do curso de Educação Física da UNESA às perguntas acerca das formas de abordar o corpo. Houve um posicionamento explícito, uma opção clara pelo direcionamento da formação, tanto da licenciatura como do bacharelado, para a promoção da saúde.

O que a humanidade hoje mais quer? Melhorar a qualidade da sua vida. E aí você tem o planejamento urbano, cidades sendo mais humanizadas... E quando chega na vida da pessoa o que ela quer é ter uma vida mais saudável, uma vida mais legal. Então, como que a Educação Física pode contribuir com isso? Esse é o nosso foco. (Entrevista 3, Estácio, 2014)

Acho que a gente tem uma responsabilidade, uma função social muito importante, porque a gente pode fazer com que as pessoas possam ser melhores do que elas são, possam ser mais felizes, possam estar mais de bem com elas, com a vida. (Entrevista 5, Estácio, 2014)

É importante ressaltar nessas falas o destaque dado à melhoria da vida, acompanhando uma mudança de enfoque na forma de encarar a promoção da saúde, em especial na Educação Física, na qual o fitness é gradualmente substituído pelo wellness. Assim, nos discursos do wellness, ao invés de se focar as ações nas transformações orgânicas que proporcionariam um aprimoramento do condicionamento físico com consequências para a saúde, visa-se ao bem estar, de forma mais geral, integrando o exercício físico a outros fatores, como alimentação, força psíquica, espiritualidade, convivência social, etc. Nessa lógica, o próprio exercício físico perde centralidade frente à promoção da saúde vista de forma mais geral, por outro lado, aumenta a sua legitimidade ao integrar um discurso que se amplia para muito além da antiga dupla médico/professor de Educação Física, abrangendo outros profissionais que o reconhecem e recomendam.

Nesse contexto, os outros aspectos, na medida em que iam surgindo, eram subordinados à promoção da saúde. Dessa forma, estética e rendimento não só vão sendo



condicionadas e limitadas pela promoção da saúde como em muitos momentos são utilizadas em contraposição à mesma, para ressaltar a sua primazia e o seu valor.

(...) da década de 70 pra cá houve uma grande valorização do exercício físico pela classe médica, essa valorização facilitou a nossa vida, com o status que temos hoje dentro da sociedade devido a trabalharmos, às vezes não somente com a saúde, mas buscando a melhora dessa saúde, aperfeiçoando essa saúde, ou não deixando que essa saúde se vá, mantendo uma maior qualidade de vida com o passar dos anos. A minha preocupação é com uma preocupação exagerada com o corpo, quando ultrapassa o limite da saúde, da educação... (Entrevista 2, Estácio, 2013)

A nossa ementa contempla o máximo possível de que cada segmento exige atualmente. Tanto em nível de saúde, quanto de estética. Aí você pergunta: “mas uma coisa não está interligada a outra?” Sim, está interligada. Se você desenvolver a saúde através do exercício físico, você desenvolve a estética. No contrário, às vezes as pessoas se perdem. (Entrevista 6, Estácio, 2014)

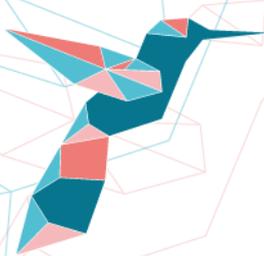
Se a gente pensar no esporte de rendimento, ele é exatamente o oposto do que é a saúde... Hoje até um pouco menos porque a medicina já está vencendo... A tecnologia permite. (...) Então, ali a saúde fica meio que comprometida. (Entrevista 5, Estácio, 2014)

Entretanto, apesar de subjugados, rendimento e estética não deixam de ser elogiados e reconhecidos como importantes. No caso da estética, aponta-se para os benefícios de cuidar de si mesmo, o despertar da motivação para alcançar uma transformação, a satisfação pessoal causada pela sua busca, e até mesmo a procura pelo exercício físico que acaba por promover, ressaltados os limites impostos pela saúde. Já no caso do rendimento, além do mesmo ser apontado como um importante segmento de atuação profissional, assim como a estética, associam-se os conhecimentos produzidos nesse campo à melhoria de vida das pessoas, ampliando, inclusive, as perspectivas de ação do aluno, caracterizadas como restritas.

Eu acho que dentro de um limite que a gente pode considerar razoável é válido você querer ter uma estética boa. Se a gente tem a possibilidade, porque não? Até porque você vai se sentir melhor, vai estar mais adequado ao meio. Se você se sente adequado correspondendo às expectativas que o meio tem de você, você vai se sentir mais adaptado e, conseqüentemente, melhor e mais feliz. (Entrevista 5, Estácio, 2014)

Não é ao invés de... Nós não queremos trabalhar com isso ou aquilo, nós estamos preferindo falar do “isso”, do “aquilo”, e mais do “aquilo outro”. Pra que esse aluno vá pro mercado e realmente faça a diferença. (Entrevista 3, Estácio, 2014)

Nesse sentido, na visão deste último docente, com passagens em cargos de coordenação, a mencionada busca pela ampliação das perspectivas de ação passa a ser



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

encarada não somente enquanto uma forma de incrementar as possibilidades de inserção profissional, mas também como uma estratégia pedagógica, princípio orientador utilizado inclusive, em atualizações curriculares. Retirar as disciplinas práticas do início do curso, substituindo-as por outras mais conceituais e proporcionar o contato dos alunos com uma diversidade de espaços voltados para as clientelas especiais são então duas medidas relatadas como exemplos que possibilitaram combater a influência da mídia acerca da valorização da estética e redirecionar o olhar do aluno para o atendimento de pessoas com necessidades especiais, ao mesmo tempo em que aumentam os espaços de atuação no mercado.

E o nosso trabalho durante as disciplinas é ir dando pra eles essas informações, pra ele poder ir descobrindo um mundo novo. Que está aí, de baixo dos olhos dele, mas ele não enxerga. (Entrevista 3, Estácio, 2014)

Então, o nosso trabalho maior é que todas as vezes que discutimos essas questões... De que não é o belo biológico, que não é o estético, é o bem estar, o prazer... Porque senão ele não vai conseguir trabalhar com o idoso, idosa, obeso mórbido. Pra eles isso ainda é uma coisa um pouco inatingível. (Entrevista 3, Estácio, 2014)

Além dessas falas, surgem outras desse mesmo professor e de mais outros dois chamando a atenção para o caráter socialmente determinado do corpo. Circulam então ditos que questionam o viés biológico e a primazia dos aspectos orgânicos na avaliação da saúde, classificam os exercícios físicos como instrumentos para a melhoria da qualidade de vida e indicam a necessidade de levar em consideração todas as dimensões do ser humano.

A gente nas diferentes disciplinas mostra que aquele corpo é determinado socialmente, que ele vai conviver com pessoas com diferentes configurações e composições corporais, que não foram escolhidas por elas, mas foram determinadas socialmente, e de que ele como professor tem a missão de intervir na vida dessas pessoas. O corpo pra nós deixa de ser um fim e passa a ser um meio. Então, ao invés de estimular a prática do exercício físico apenas como uma forma de conquistar uma capacidade cardiovascular, uma aptidão cardiorrespiratória e uma estética perfeita, ele é uma ferramenta pra melhorar a vida dessas pessoas (Entrevista 3, Estácio, 2014)

A gente parte do princípio de que trabalhamos com pessoas... O culto ao corpo está dentro de um contexto sócio-cultural, sócio-econômico e cultural que valoriza muito isso. Mas eu procuro passar para eles a visão de que o ser humano não é só um corpo biológico. Nós temos várias dimensões. (Entrevista 5, Estácio, 2014)

Entretanto, existem conflitos, contrastes, contestações, discursos que põem em circulação outros sentidos e significados, em especial para a relação estabelecida entre



atividade física e promoção da saúde. Primeiro, enunciado por um dos docentes que aponta para a necessidade de considerar os aspectos sociais e culturais da saúde, mas afirma a predominância na formação, de modo geral, e no curso do viés biológico.

O corpo e a saúde são muito presentes no curso. Acho que ficaria com duas concepções, o corpo voltado pra saúde, pra qualidade de vida, pra um estilo de vida saudável e o corpo voltado pra questão da performance no sentido do fitness, propriamente dito... (Entrevista 1, Estácio, 2013)

Está se discutindo muito mais o corpo, mas eu estou batendo na tecla que ainda é mais visto pelo viés biológico. (Entrevista 1, Estácio, 2013)

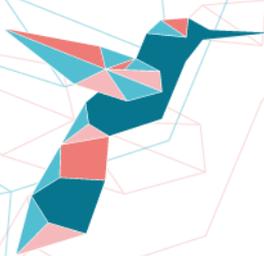
Na sua fala aparece inclusive, o fitness, ao invés do wellness, dando indícios da sua presença na Estácio. Nessa linha, outro docente, ligado mais diretamente ao estudo dos efeitos da atividade física sobre a saúde, faz afirmações enfáticas enaltecendo esta relação. Para ele, o exercício físico, frente aos efeitos que produz, não é valorizado como deveria.

Eu não sei se essa valorização, essa importância do exercício físico é percebida pela maior das pessoas. Estou falando dos alunos, dos gestores da Instituição e da sociedade como um todo. (Entrevista 4, Estácio, 2014)

O ser humano biologicamente evoluiu, nesses milhões de anos, fazendo exercícios. Então o exercício faz parte das nossas características genéticas, não fazer exercício é que não faz. (...) Todo mundo deveria ser fisicamente ativo porque isto está relacionado com as nossas características genéticas. Porque quem é fisicamente ativo tem menos doenças cardiovasculares, tem menos obesidade, tem menos doenças cardiometabólicas... Ou seja, todas as doenças degenerativas que atingem a sociedade moderna estão relacionadas ao sedentarismo.... (Entrevista 4, Estácio, 2014)

Essa fala não só mantém em circulação como reforça a centralidade do exercício físico para a saúde, fortalece a relação direta entre um e outro, além de eleger o sedentarismo como o principal causador de uma série de doenças. E não é isolada, já que outro docente também faz declarações nesse sentido, exaltando, inclusive, a atuação da mídia na disseminação da importância da atividade física.

A saúde hoje está muito na mídia. Temos uma exposição muito grande em um programa relevante da televisão brasileira, relevante por estar no mercado há muito tempo: o Fantástico. Nós tivemos uma exposição, durante quase um ano, de um quadro chamado Medida Certa. Eu achei aquilo muito importante para a nossa profissão porque mostrou que através do exercício físico nós podemos mudar comportamentos, a nossa saúde. Talvez isso, e a mídia contribui para tal, tenha trazido e apresentado ao leigo que fazer exercícios bem orientado traz melhoras consideráveis na saúde (Entrevista 6, Estácio, 2014)



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Assim, adicionados, os discursos de crítica ao sedentarismo e da relação causal direta entre exercício e qualidade de vida contribuem para a associação de mais uma características aos sentidos de saúde circulantes na UNESA: a individualização. Neste caso, reforçam-se mutuamente os discursos do fitness e do wellness, pois ambos agem buscando a conscientização, instam-se os sujeitos a adotar comportamentos, estilos de vida considerados saudáveis. Desse modo, nas duas perspectivas, a responsabilidade sobre os cuidados com a promoção da saúde recaem de forma praticamente exclusiva sobre os indivíduos.

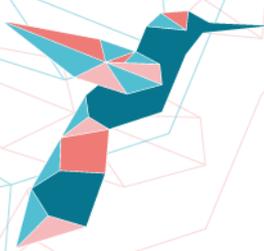
Não fazer exercício físico é ruim, mas pode ser uma opção sua. Você vai compensar... Tentar se mexer mais, tentar andar mais. Vou andando para o trabalho, subo escadas, como menos... Prefere controlar a dieta do que fazer exercício. Eu sou contra, mas se a pessoa tenta equacionar o conhecimento que ela adquiriu para organizar as coisas na vida dela... Isso é adequado, porque ela está exercendo o ponto de vista crítico. Isso é que é importante na formação de um aluno. Não que ele saia repetindo que todo mundo tem que fazer exercício porque o professor falou, está escrito e os estudos mostram, então quem não faz está errado. Não é isso. É a pessoa entender e fazer se achar que deve, de acordo com as circunstâncias da sua vida. “Ah! Fazer exercício é bom, mas eu tenho que trabalhar e estudar. Não dá. Então vou fazer um pouco mais atividade... Vou tentar adequar o que eu aprendi a minha realidade.” Isso é que é usar o senso crítico de forma inteligente para definir uma conduta. (Entrevista 4, Estácio, 2014)

A essa hegemonia discursiva soma-se outro discurso, acerca de outro aspecto, mas que possui os mesmos fundamentos e que também circulou nos enunciados dos professores, apesar de apresentar intensidade menor: a empregabilidade, que também reforça a iniciativa e a responsabilização individual, só que pela carreira e, conseqüentemente, pela posição a ser ocupada na sociedade.

Eu entendia, já naquela época, que era preciso desenvolver o pensamento empreendedor do aluno, futuro profissional de Educação Física, no sentido dele ampliar a visão que ele tem do mercado e dele se ver como uma pessoa que precisa de investimentos na própria carreira como uma forma de se diferenciar mais adiante. (Entrevista 3, Estácio, 2014)

Eu até brinco com meus alunos... 10 entre 10 rapazes, alunos de Educação Física querem ser preparadores de futebol. Só que este é um mercado bastante restrito. Então, dos 10, 9 não vão. Isso se nenhum dos 10 não for. Porém, eles têm que buscar a empregabilidade. (Entrevista 6, Estácio, 2014)

Configura-se então na UNESA, um quadro no qual os cuidados com a saúde se afirmam como referência central nos processos de normatização e normalização das condutas pessoais e das concepções profissionais em relação à atuação na Educação Física. Neste quadro, a discussão acerca da promoção da saúde se deu sem que houvesse conflitos sobre os



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

conceitos de saúde, mas basicamente em torno do foco maior no exercício físico ou na sua relativização em favor de outras dimensões além da orgânica que, a nosso ver, pode ser resumida no confronto entre os preceitos de fitness e wellness.

Além disso, ressoaram os discursos acerca da iniciativa individual, tanto em relação à saúde quanto à preocupação com a carreira e inserção no mercado de trabalho e na sociedade, esta última com menor frequência. Atravessando a ambos, pontualmente, despontou o discurso da inclusão, na figura das clientela especiais, proporcionando a junção de preocupações com a saúde, da própria inclusão e da ampliação das possibilidades de atuação, ou seja, da empregabilidade.

Dessa forma, a hegemonia discursiva acerca dos modos de lidar com o corpo na UNESA acaba por se aproximar dos cultos à saúde e a performance, sem que surjam discussões e análises acerca da atual conjuntura nas falas dos entrevistados. Especificamente sobre o rendimento, faz-se necessário mencionar que este aparece com força menor, e mais ligado à especificidade da Educação Física, ou seja, ao desempenho nas práticas corporais.

Já à estética foi questionada, mas com a presença de ressalvas que apontavam para aspectos positivos e garantiam a permanência da mesma como um relevante segmento de atuação na área. Subordinada a promoção da saúde, junto com o rendimento, valorizava-a, reforçando assim o seu caráter normatizador e normalizador. Além disso, não há indícios da presença de análises contemporâneas que relacionam estética e saúde e apontam para o reforço do culto à boa forma a partir da caracterização de elementos desta, em especial à gordura e os sinais de envelhecimento, como doenças, ameaças aos padrões do que é ser saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber, há uma impregnação dos discursos hegemônicos, em especial relacionados ao culto à saúde, nos discursos circulantes na formação em Educação Física da UNESA. Para tal, concorrem a falta de aprofundamento dos temas e a repetição de enunciados que produzem efeitos de verdade e reiteram alguns dos elementos fundamentais aos cultos. Com isso normatiza-se e normaliza-se a atuação dos professores/profissionais e suas condutas, reforça-se a possibilidades que os mesmos atuem em prol da disseminação desse ideário, contribuindo assim para a normatização e normalização dos comportamentos.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Diante disto, mais do que apresentar uma conclusão cabe o alerta de que urge ampliar o nosso olhar sobre a formação tanto para compreender melhor os rumos que a mesma vem trilhando, como, principalmente, para que possamos atuar no sentido de fortalecer as alternativas que apontem para uma atuação profissional que não contribua para a sujeição dos indivíduos aos discursos hegemônicos, mas para a melhoria das condições materiais e subjetivas da existência humana.

Conceptions about body in the physical education training

ABSTRACT

This work presents part of a research about ways of physical education training, after the implement Nationals Curriculun Guidelines, in the context of current hegemonic conceptions of body. The text focuses in changes that has been effectuating in the ways to understand the body and in the discourses about the body in one training course

KEYWORDS: *Professional training; body; Physical Education.*

Concepciones acerca del cuerpo en la formación en educación física

RESUMEN

Este trabajo presenta parte de una investigación sobre la formación en Educación Física, después de la promulgación de las Directrices Curriculares, en el contexto de las concepciones hegemónicas del cuerpo. El texto se centra en los cambios que ha sido efectuar en las maneras de entender el cuerpo y en los discursos sobre el cuerpo en un curso de formación

PALABRAS CLAVES: *Formación profesional; cuerpo; Educación Física*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

FRAGA, A. B. *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas: Autores Associados, 2006.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. *Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SFEZ, L. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VIGARELLO, G. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.